

O GÊNERO TEXTUAL LENDAS AMAZÔNICAS NO ÂMBITO ESCOLAR: CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL E RESSIGNIFICAÇÃO DA CULTURA

Thaila Bastos da Fonseca⁷⁴

Resumo: O presente artigo versa sobre o uso do gênero textual narrativo: lendas amazônicas como tentativa de resistência e valorização da cultura local, no contexto escolar. Concebida como um gênero textual literário de cunho fantástico e que se fundamenta na oralidade, a lenda permeia o universo imaginário, principalmente como produto criativo e aventureiro dos seres humanos. Assim, objetivou-se despertar o interesse para a prática da leitura e da produção textual e a valorização da identidade cultural, por intermédio das narrativas amazônicas, coletadas entre os familiares dos estudantes. Para consistência teórica foram selecionados: Bauman (1999); Marcuschi (2008); Thompson (1992); Todorov (2006) e Nunes (2008). A metodologia inseriu-se na abordagem qualitativa e como base, o método da História oral. No percurso metodológico, realizou-se um estudo teórico, para apresentação de aulas expositivas sobre lendas amazônicas, para a coleta dos textos com os seus familiares, preferencialmente, entre os mais antigos. Após a coleta das lendas, foi feita a socialização para posterior registro das mesmas, o que resultou na organização de um livro. Como resultados satisfatórios, inferimos que através deste trabalho, foi possível promover o interesse dos discentes pelo conhecimento das lendas amazônicas, pela leitura e reescrita dessas narrativas e, sobretudo, a valorização da herança cultural deixada pelos povos ancestrais. O projeto oportunizou a organização das lendas coletadas como material pedagógico para uso dos alunos, dos professores e da comunidade em geral.

Palavras-Chave: Lendas Amazônicas; Resistência; Valorização Cultural; Escola.

Abstract: The presente aims about the use of the the narrative textual genre: Amazonian legends as an attempt to resist and value local culture in the school context. Conceived as a fantastic literary textual genre and based on orality, the legend permeates the imaginary universe, mainly as a creative and adventurous product of human beings. Thus, the objective was to awaken interest in the practice of reading and textual production and the enhancement of cultural identity, through Amazonian narratives, collected among students' relatives. For theoretical consistency, the following were selected: Bauman (1999); Marcuschi (2008); Thompson (1992); Todorov

74. Supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES; Mestra em Ciências Humanas pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH-UEA); Professora de Língua Portuguesa da SEDUC/TEFÉ/AM. Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-6632-6439>. E-mail: thailafonseca2352@gmail.com

(2006) and Nunes (2008). The methodology was inserted in the qualitative approach and as a base, the method of oral history. In the methodological path, a theoretical study was carried out, to present expository classes on Amazonian legends, for the collection of texts with their families, preferably among the oldest. After collecting the legends, socialization was made for later registration, which resulted in the organization of a book. As satisfactory results, we infer that through this work, it was possible to promote the students' interest in the knowledge of Amazonian legends, in the reading and rewriting of these narratives and, above all, the appreciation of the cultural heritage left by the ancestral peoples. The project made it possible to organize the legends collected as educational material for use by students, teachers and the community in general.

Keywords: Amazonian Legends; Resistance; Cultural Appreciation; School.

Introdução

Escrever tem sido uma tarefa árdua para a maioria dos estudantes das escolas públicas, sobretudo porque a era digital está ganhando cada vez mais espaço no universo cotidiano dos estudantes, em especial, entre os adolescentes. Com apenas um “click”, é possível viajar pelo mundo. Em contrapartida, o hábito e o prazer pela escrita têm se tornado cada vez mais escassos neste mundo tão inconstante denominado adolescer. Neste sentido, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, desenvolveu-se o presente projeto, integrado ao subprojeto de Letras/Língua Portuguesa, o qual buscou despertar nos discentes o interesse para a prática da leitura e escrita, utilizando, como gênero textual motivador, as lendas amazônicas. Convém destacar que além dos textos trabalhados em sala de aula também foi coletada uma variedade de lendas amazônicas pelos discentes, entre seus familiares, sobretudo, entre os mais antigos, que moram na cidade de Tefé, situada no Amazonas, local onde a Escola Estadual São José está inserida.

O projeto de ensino, cujas atividades se estenderam no período compreendido de agosto a dezembro de 2018, foi aplicado no 6º ano, nas turmas 01 e 02 e no 7º ano, turma 01, do turno vespertino, pela equipe de bolsistas de iniciação à docência, formada pelos acadêmicos do Curso de Licenciatura em Letras, do Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST, unidade acadêmica da UEA, sob a supervisão e coordenação das professoras Thaila Bastos da Fonseca e Núbia Litaiff Moriz Schwamborn.

Uma das motivações para o desenvolvimento do trabalho residiu no fato de que, ao longo do tempo, as

histórias oriundas do imaginário popular vão se perdendo nas memórias das pessoas. Neste sentido, registrar as histórias que permeiam ou permearam o imaginário lendário dos familiares antigos dos estudantes, é uma das formas de legitimar a identidade cultural dos mesmos. Evidenciar a cultura da tradição oral é levar os alunos a compreenderem a construção da identidade cultural, passando assim a valorizá-la. Dessa forma, legitimar uma identidade além de ser uma tentativa de resistência, é evidenciar os diversos aspectos da cultura local, como as histórias e “causos”, as crenças, as tradições e costumes que ficaram na memória das pessoas.

Quanto ao percurso metodológico, para proporcionar o prazer pela escrita e legitimar a identidade cultural dos estudantes através do gênero textual Lendas Amazônicas no contexto escolar, primeiramente, apresentou-se ao alunado, a concepção, conceitos e a importância deste gênero, explorando diversos textos e estabelecendo diferença entre lendas e mitos amazônicos. Posteriormente, os alunos foram orientados para a realização de entrevistas com os familiares antigos dos alunos, objetivando a coleta das lendas que eles ouviam de seus pais e avós; para posterior registro das lendas coletadas nas entrevistas. Também se explorou a estrutura do gênero textual narrativo, mais especificamente a modalidade narrativa lendas e trabalhou-se a estrutura de um parágrafo narrativo para que os estudantes reescrevessem as lendas amazônicas coletadas, obedecendo à escrita em prosa. Com referências aos conteúdos de Língua Portuguesa como: pontuação, acentuação gráfica, concordância e a ortografia, foram trabalhadas nos textos, visando facilitar o processo da reescrita na prática educacional, embora esses aspectos cognitivos não fossem o foco maior do trabalho.

A metodologia inseriu-se na abordagem qualitativa, posto que através do método da História oral, os alunos foram a campo no intuito de coletar dados precisos sobre a temática em questão. Esta metodologia foi de fundamental importância, porque a presença das pessoas como testemunhas do passado é fundamental, pois ao ouvi-las, descobrimos que elas têm sempre algo importante a dizer, que pode contribuir para a construção histórica de determinado povo. Sendo assim, a História oral foi o método que nos ajudou na coleta de materiais para a reescrita dos alunos.

Convém enfatizar que, para o registro no livro, os bolsistas do PIBID/LETRAS selecionaram e sistematizaram as narrativas coletadas pelos alunos. Dessa forma, através do desenvolvimento do projeto de ensino, contribuiu-se, de forma significativa, para o processo de ensino-aprendizagem e para o conhecimento dos aspectos populares da cultura local.

As lendas amazônicas: uma teorização acerca deste gênero textual

Na região amazônica, as Lendas, como gênero textual narrativo, se caracterizam por sua natureza fantástica, surpreendente e impressionante, visto que, na tentativa de explicação dos fatos em geral, em seu universo temático, com referência à verossimilhança, tudo é possível. A teórica Machado (1994, p. 96) afirma que “a busca de explicações para as coisas e os fenômenos do mundo foi o que tornou possível o surgimento de muitas narrativas”.

Segundo Todorov (2006), pode-se dizer acerca dessas narrativas que “são acontecimentos estranhos, insólitas coincidências. Mas o passo seguinte é decisivo: produz-se um acontecimento que a razão não pode explicar” (TODOROV, 2006, p. 147). Sendo assim, as pessoas recorrem a essas narrações no intuito de tentar esclarecer ou justificar acontecimentos que não podem ser explicados pelo racional. Para isso utilizam-se da criatividade, das narrativas lendárias, porque “o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que não conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2006, p. 146). As histórias de tradições orais, além de carregarem uma multiplicidade de imaginação e de fantasioso, trazem o conhecimento dos moradores de uma determinada região, cujo principal objetivo é explicar os fatos, os fenômenos naturais e tudo que os cerca.

No contexto amazônico, a exuberância da majestosa floresta e os elementos da natureza exercem uma significativa influência na formação do lendário dos povos da Amazônia, dando origem a muitas lendas, como forma empírica de explicar o princípio das coisas, inspirando-se no respeito pela natureza. Alegar que essas histórias não estabelecem relação com a realidade dos estudantes é um argumento que não se sustenta, posto que essas histórias fazem parte do cotidiano dos alunos. Neste sentido, fortalecer a cultura da tradição oral na Escola Estadual São José, através de atividades previstas no projeto como a reescrita das histórias lendárias é um trabalho que contribui para a construção identitária dos estudantes, e, sobretudo, para a promoção da prática da leitura e da escrita.

É fato que o processo de ensino-aprendizagem da educação atual não é motivador para os adolescentes e não fornece uma visão de mundo real aos estudantes, e isto se acentua, ao considerarmos que, muitos conteúdos ministrados no âmbito escolar estão distantes da realidade e interesse dos mesmos. Neste sentido, são oferecidas vivências descontextualizadas e que não fazem parte do cotidiano dos discentes. Dessa forma, o ambiente escolar é visto de forma negativa: como uma escola que “quer ignorar as manifestações de cultura que impregnam a comunidade de onde seus alunos provêm: a cultura popular” (SOUZA, 2011, p. 34).

Ainda recorrendo-se a Souza (2011) reafirma-se que grande parte dos amazônidas não valoriza o que o índio tem para lhe dizer, não acredita que é importante para a geração atual valorizar esta herança que proporciona a identificação da cultura. As lendas expressam os valores culturais de um povo e, neste contexto, evidenciar o gênero textual Lendas Amazônicas no âmbito escolar é um trabalho que colabora para a permanente construção da memória, da recuperação e registro da cultura local, preservando e evidenciando, desse modo, a identidade regional.

O uso das lendas amazônicas como instrumento de valorização cultural

Moriz (2012) afirma que “literatura é ideologia, é expressão de pensamentos e a representação escrita e oral da cultura de um povo”. Conforme Machado (1994, p. 97), “todos os povos criam suas lendas”, logo ler, interpretar, conhecer as lendas pode possibilitar o conhecimento do pensamento humano em qualquer época. Nesta concepção, através do uso das lendas, é possível também, propiciar aos educandos uma experiência educacional na qual os mesmos possam crescer e conviver juntos, respeitando os valores culturais do seu local de origem e de seus antepassados, pois, a identificação com a cultura “passa pela formação da consciência histórico-cultural, de um homem cultural que utiliza a linguagem como atividade formadora de sentimentos e crenças” (SOUZA, 2011, p. 19). Diante do exposto, valorizar a herança cultural deixada pelos nossos ancestrais como as tradições, os costumes e a literatura popular, configura-se como uma das alternativas de preservar o passado e contribuir para uma construção identitária no presente.

A maioria das histórias coletadas da tradição oral é fonte de ensinamentos que transmite uma sabedoria tradicional voltada para a preservação dos elementos naturais, como também para o conhecimento das figuras lendárias que atravessam geração no imaginário dos moradores antigos de Tefé. As lendas amazônicas relatam fatos envolvendo seres mitológicos que vieram das profundezas dos rios, dos confins das florestas e da escuridão sem fim; são narrativas que fazem parte do imaginário amazônico, permanecendo vivas, principalmente através da oralidade. Segundo Nunes (2008), “de caráter fantástico e/ou fictício, as lendas combinam fatos reais e históricos com fatos irrealis que são meramente produto da imaginação aventuresca humana”. Concebida como um gênero textual literário criado pela tradição oral, a lenda apresenta uma relação direta entre o momento histórico e o povo que a cria. Para Nunes (2008) lenda é “uma narrativa fantasiosa transmitida pela tradição oral através dos tempos”.

Assim, apesar das lendas se relacionarem à capacidade criadora das pessoas, ela é a representação imaginativa

de algum fato histórico ocorrido no passado. Essas narrativas trazem consigo explicações aceitáveis aos fatos e acontecimentos misteriosos e sobrenaturais que foram impossibilitados de serem explicados pela ciência, ou seja, as lendas “fornecem explicações plausíveis e até certo ponto aceitáveis para coisas que não têm explicações científicas comprovadas, como acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais” (NUNES, 2008, p. 25). Portanto, realizar o registro escrito dessas narrativas, é uma possibilidade de ressignificar o conhecimento popular e aproximar ainda mais a escola da comunidade e de valorização da cultura local.

Nesta perspectiva, as narrativas orais podem ser usadas como processo metodológico para a escrita e para desenvolver o hábito da leitura, podendo ser uma ferramenta eficaz ao aplicá-la no contexto escolar. Resignificar essas narrativas, além de proporcionar a compreensão da identidade construída no presente, leva também a refletir experiências, valores e crenças do local onde as pessoas estão inseridas.

Ainda sobre a narrativa, Todorov (2006) reafirma que a mesma “se constitui na tensão de duas forças”, sendo que,

Uma é a mudança, o inexorável curso dos acontecimentos, a interminável narrativa da ‘vida’ (a história), onde cada instante se apresenta pela primeira e última vez. É o caos que a segunda força tenta organizar; ela procura dar-lhe um sentido, introduzir uma ordem. Essa ordem se traduz pela repetição (ou pela semelhança) dos acontecimentos: o momento presente não é original, mas repete ou anuncia instantes passados e futuros. A narrativa nunca obedece a uma ou a outra força, mas se constitui na tensão das duas (TODOROV, 2006, p. 20-21).

Assim, os “causos” passados revelam acontecimentos singulares, pouco coerentes, mas interessantes, visto que as narrações, frutos da imaginação humana não obedecem a uma linearidade. Desse modo, “a narrativa consistirá numa aprendizagem do passado” (TODOROV, 2006, p. 180). Vale frisar que, as narrativas de acontecimentos fantásticos, frutos da capacidade imaginativa das pessoas, são verdades que persistem e atravessam gerações no imaginário de quem as conta e de quem as ouve também.

Deste modo, sob a perspectiva de pesquisadoras, de professoras que norteiam suas práticas pedagógicas pela pluralidade de mundos e identidades culturais diversas, o presente projeto foi proposto aos acadêmicos de Letras, bolsistas do PIBID, atuantes no Ensino Básico na Escola Estadual São José, com fins a possibilitar o conhecimento, “o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural brasileira e das formas de perceber e expressar a realidade própria dos gêneros, das etnias e das muitas regiões e grupos sociais do País” (BRASIL: PCN/Ensino Médio, 1999, p. 76).

Moriz (2012), ao discorrer sobre a importância da literatura amazônica, enfatiza a necessidade da aplicação e

socialização de ideias sobre a pluralidade cultural na prática pedagógica. Ao citar os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN reafirma a necessidade de espaço para a verbalização da representação social e cultural como “um grande passo para sistematização da identidade de grupos que sofrem processo de deslegitimação social”. Novamente citando os Parâmetros Curriculares Nacionais, Moriz (2012) preconiza que aprender a conviver com as diferenças é “reconhecê-las como legítimas e saber defendê-las em espaço público fará com que o aluno reconstrua a autoestima. A literatura é um bom exemplo do simbólico verbalizado” (BRASIL/PCN, 1999, p. 142).

Sendo assim, a pluralidade cultural oportuniza uma abordagem diversificada e de característica interdisciplinar no âmbito escolar, como também pode ser um meio incentivador para o ensino de literatura em sala de aula, pois engendra acontecimentos que se passaram em um tempo remoto, misturando fatos reais e históricos com fatos irreais de uma pluralidade de mundos. Nesta perspectiva, abre-se espaço para a pluralidade e interdisciplinaridade em sala de aula. Fazenda (2008) enfatiza que a interdisciplinaridade caracteriza-se por ser “uma atitude de busca, de inclusão, de acordo e de sintonia diante do conhecimento”. Portanto, deve-se propor um pensar que atenda aos interesses dos discentes e de valorização da cultura local para por fim no ensino descontextualizado e fragmentado.

O desafio de valorização da cultura, estímulo à leitura ou qualquer outro fator de contribuição ao desenvolvimento do estudante é um trabalho a ser assumido por aqueles que têm a obrigação de levar à frente, processos de tomadas de consciência, ou seja, os professores e futuros profissionais da educação. É indispensável dotar a escola de instrumentos didáticos para trabalhar com a diversidade, transformar a diversidade conhecida e reconhecida numa vantagem pedagógica.

Conclui-se que a lenda permeia o âmbito da cultura local, e considerando a realidade dos discentes, essa modalidade textual, por ser breve e de uma diversidade temática, pode motivar os alunos à prática da leitura e desse modo, levar os mesmos a ampliarem seus conhecimentos sobre sua cultura e o lugar em que estão inseridos, tornando o processo de ensino-aprendizagem prazeroso e significativo.

Abordagens teóricas e procedimentos metodológicos

O projeto de ensino, integrado ao PIBID/Letras foi desenvolvido na Escola Estadual São José, situada em Tefé, no Amazonas, no período de agosto a dezembro de 2018, com o seguinte público-alvo: alunos do 6º ano, turmas 01 e 02 e do 7º ano, turma 01, do Ensino Fundamental, turno vespertino, cuja faixa etária dos alunos varia entre 11 a 14 anos.

Inicialmente, os bolsistas, orientados pela supervisora e coordenadora do PIBID, fizeram um levantamento da literatura referente ao tema e a fundamentação teórica

que abordava a respectiva temática em: livros, artigos, monografias, teses, revistas e outros. Sobre o levantamento teórico sabe-se que esta modalidade de pesquisa oferece aos investigadores um universo de informações e opiniões acerca do assunto investigado, que contribuiu para aprimoramento e enriquecimento da temática. Quando o pesquisador tem a sua disposição uma bibliografia adequada, “não terá maiores obstáculos pra contar com as informações requeridas” (GIL, 1995, p. 71). A utilização da pesquisa bibliográfica colaborou para mapear as atividades teóricas e práticas do projeto e contribuiu para a obtenção de uma visualização mais aprofundada das estruturas intelectuais de um domínio científico pelos envolvidos no trabalho.

O método utilizado foi o da História oral que é fundamentado nas experiências humanas, pois, a história de muitas pessoas pode elucidar a compreensão de acontecimentos históricos do passado e refleti-los no presente. As narrativas orais, frutos do imaginário lendário de determinado povo, oferecem uma produção recente, porém quando analisadas podem propiciar novos campos de pesquisa. Pela História oral possibilita-se o registro das memórias, das reminiscências, como também a reinterpretação do passado, e de acordo com Walter Benjamin, no prefácio do livro *A voz do passado*, “qualquer um de nós é uma personagem histórica” (THOMPSON, 1992, p. 19). Neste aspecto, a utilização do método da História oral é de grande relevância, pois contribui para a preservação e ressignificação da tradição oral de um povo:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Desse modo, constatamos o quanto é importante a presença das pessoas como testemunhas do passado, visto que, ao ouvi-las, percebemos que elas têm sempre algo que pode contribuir para a construção histórica e identitária de determinado povo. Thompson (1992) percebeu a riqueza e a importância da memória dos sujeitos anônimos, e como o jeito do entrevistado contar “estórias” sobre o passado, era uma alternativa perfeita para a história social. A História oral, considerada como fonte identitária de um povo, é capaz de retratar as realidades, as vivências e os modos de vida de uma comunidade em cada tempo e nas suas mais variadas sociabilidades. Esse tipo de fonte não só permite a inserção do indivíduo, mas o resgata como sujeito no processo histórico, produtor de histórias e feitos de seu tempo.

Assim, foi realizada uma investigação ação participante, levando em consideração a importância dos sujeitos em nossa

pesquisa (alunos e familiares), pois eles são os protagonistas e participantes do nosso trabalho. É um enfoque diferente do método tradicional, no qual as pessoas são vistas como meros objetos de pesquisa. Diante desta constatação, Cano Flores (2003) demonstra que a investigação participante, “mais do que uma atividade investigativa”, constitui,

um processo eminentemente educativo de autoformatação e autoconhecimento da realidade na qual a pessoa, que pertence à comunidade ou ao grupo, sobre os quais recai o estudo, tenha uma participação direta na produção do conhecimento sobre a realidade (CANO FLORES, 2003, p. 59).

Desse modo, na pesquisa participante torna-se relevante a participação e o diálogo entre os integrantes e as decisões e resultados serão frutos de constantes conversas entre entrevistador e entrevistados. Foi solicitado aos alunos que selecionassem as pessoas mais idosas e essa escolha se justifica também, pelo fato de elas terem mais conhecimentos de vida e mais histórias para contar: são como um livro, e quando partem para outra dimensão, se fecham para sempre. Assim, devemos privilegiar as narrativas dessas pessoas, por já possuírem uma vasta experiência de vida e memória, pois “se o adulto não dispõe de tempo ou desejo para reconstruir a infância, o velho se curva sobre ela como os gregos sobre a idade de ouro” (BOSI, 1994, p. 83).

Os caminhos trilhados na prática pedagógica e as experiências adquiridas

O trabalho foi introduzido na Escola Estadual São José com uma apresentação formal dos bolsistas do PIBID, visando à interação com a comunidade escolar. Posteriormente, expusemos o projeto e a relevância do tema: preservação da cultura local por intermédio das lendas amazônicas. Nesse sentido, os pibidianos já fundamentados teoricamente, apresentaram o gênero textual: lendas amazônicas aos alunos, através de aulas expositivas e dialogadas, apresentando diferença entre mitos e lendas, pois muitos acreditavam que esses gêneros não se diferenciavam.

Em seguida, foram explorados vários textos exemplificativos da modalidade lenda para que os educandos conhecessem a diversidade das temáticas existentes. As atividades metodológicas também envolveram leituras variadas coletivas e individuais, com o propósito de despertar o interesse do alunado pelo projeto. A “Lenda da Vitória-Régia” foi explorada juntamente com uma atividade interpretativa e esta atividade foi realizada individualmente, o que possibilitou detectar as dificuldades individuais dos alunos acerca da leitura e compreensão de textos.

Posteriormente, no intuito de facilitar as produções dos estudantes, foram trabalhados os aspectos gramaticais da

Língua Portuguesa: pontuação, ortografia e concordância. A coerência e coesão também foram trabalhadas, contudo o principal foco foi a estruturação do gênero narrativo lenda. Após as devidas orientações, os estudantes foram a campo realizar entrevistas com seus pais e avós para coletar as lendas. Após serem coletadas, as lendas foram socializadas em sala de aula e reescritas pelos estudantes. Os pibidianos também contribuíram na correção, visando à sistematização dos textos para posterior construção do livro.

A preocupação constante da equipe pibidiana era se os educandos conseguiriam reescrever as narrativas coletadas, obedecendo aos elementos da narrativa como: tempo, espaço, narrador e personagens, enfim, os elementos caracterizadores deste gênero. Assim, reafirmamos os elementos estruturais da narrativa e os estudantes superaram as expectativas do projeto, de modo que obtiveram, na maioria, ótimo desempenho nas produções. A preocupação com as normas gramaticais ficou em segundo plano, visto que o interesse maior era a produção narrativa relacionada ao registro das histórias coletadas. Alguns alunos chegaram a comparar a história contada por seus familiares com registros encontrados por meio da internet.

Percebemos que os estudantes organizaram seus textos em prosa de forma coesa e obedeceram aos aspectos gramaticais relacionados à pontuação e muitos estruturaram as narrativas em parágrafos, utilizando adequadamente os elementos da narrativa. Apesar de encontrarmos erros de concordância, de acentuação gráfica, como exemplo: *vitoria-regia e relampago* (sem acento) e de ortografia: *baude* (com u), entre outros, o objetivo maior foi atingido. Os alunos demonstraram interesse pelo gênero textual em estudo e foram motivados à reescrita das lendas. Neste sentido, Marcuschi (2008) propõe três passos para um desenvolvimento eficaz da atividade: apresentação da atividade e primeira produção, atividade corrigida e produção final. Desse modo, o estudante obtém “um controle sobre sua própria aprendizagem e sabe o que fez, por que fez e como fez” (MARCUSCHI, 2008, p. 216).

Com a reescrita constatamos a competência escrita de alguns estudantes em desenvolver corretamente a estrutura formal de seu texto. Em contrapartida, identificamos ainda falta de coesão em alguns textos e, para amenizar tal problemática, revisamos os elementos conectivos e sua importância para a produção escrita. Nesta perspectiva, mostramos aos alunos que para haver coesão e coerência na prática escrita, não se exige somente conhecimento das regras gramaticais, mas também de um conhecimento de mundo que constitui o repertório de leitura dos sujeitos.

É importante ressaltar que, pelo fato de as narrativas terem sido coletadas por intermédio de entrevistas, entendemos as marcas da oralidade utilizadas constantemente nos textos. Neste sentido, as narrativas

orais podem ser usadas como processo metodológico “para o desenvolvimento da escrita através das coletas de dados, e propositalmente ao hábito da leitura podendo ser uma ferramenta poderosa ao aplicá-la no contexto escolar” (FONSECA, 2017, p. 155). Sendo assim, as aulas de Língua Portuguesa não devem estar voltadas apenas para reprodução dos tópicos gramaticais, baseados em um ensino mecanizado, mas devem ampliar o universo do educando através da leitura, escrita e reescrita, levando em consideração o contexto e o cotidiano dos discentes.

Socialização e discussões relevantes acerca dos resultados

Sobre a diversidade dos temas apresentados nas narrativas recolhidas, constatamos que os estudantes estão evidenciando aspectos lendários que atravessam gerações. Alguns alunos chegaram a comparar a história contada por seus familiares com registro na Internet. Entre as lendas coletadas, vários tematizaram o boto que se refere ao “Dom Juan” amazônico, e é muito conhecida e contada entre seus familiares.

O trabalho fortaleceu ainda mais a cultura da oralidade e também constatamos a preocupação dos alunos em desenhar os protagonistas das lendas, ou seja, o trabalho desenvolveu também o potencial artístico dos discentes, visto que ilustraram suas lendas por interesse e criatividade própria, o que muito alegrou a equipe envolvida na execução, visto que, inicialmente, não se havia cogitado a ilustração das lendas. O fato só vem acrescentar a certeza de que a escola precisa exercer seu papel social, se os alunos forem motivados, eles surpreendem sempre, revelando aspectos positivos.

Observando a competência escrita, podemos afirmar que o projeto desenvolvido contribuiu de forma efetiva para a formação e valorização da identidade cultural, como também para a promoção do hábito da leitura. Neste sentido, construir uma identidade corresponde a um desejo básico, o de pertencer, fazer parte de um determinado grupo, ser aceito por outros, ser recebido, preservado, saber que tem apoio e aliados. E ainda mais importante: “ter a identidade pessoal endossada, confirmada, aceita por muitos - o sentimento de que se obteve uma segunda identidade, agora uma identidade social” (BAUMAN, 1999, p. 32). Neste aspecto, tornou-se imprescindível a reescrita das lendas coletadas pelos estudantes no seio de seus familiares, a fim de legitimar a identidade cultural dos estudantes da Escola Estadual São José e reafirmá-la na contemporaneidade.

A seguir, serão explicitadas algumas lendas coletadas e reescritas pelos estudantes participantes do projeto. As narrativas transcritas pelos sujeitos protagonistas do trabalho foram transformadas em coletânea de livro, o qual se intitula **Lendas Amazônicas: Legitimando a Identidade**

Cultural dos Estudantes da Escola Estadual São José com ISBN de número 978-65-00-05352-4, organizado pelas professoras Núbia Litaiff Moriz Schwamborn e Thaila Bastos da Fonseca idealizadoras do projeto.

Escuela Estadual São José
 Data: 15 de Novembro de 2018
 Série: 7º ano Turma: C1 Livro: Língua Portuguesa
 Nome: Amélia Oliveira dos Santos
A Lenda do Boto

Os antigos contavam que a lenda começava num interior, abaixo de Urini, que era a comunidade de Santa Fé. Nas festas, o boto se transformava em um belo rapaz, muito bonito e de olhos azuis e, que com sua beleza, conquistava as moças bonitas e levava para o fundo do rio, e quando elas voltavam, já estavam grávidas. O boto também encantava as crianças mais bonitas do interior, e as levava para a sua casa que era no fundo do rio. Quando as crianças acordavam, já estavam na casa do boto e depois passavam a viver também como boto.



Fonte: arquivo do projeto PIBID/Letras-Escola São José.

A Lenda do Boto

Os antigos contavam que a lenda começava num interior, abaixo de Urini, que era a comunidade de Santa Fé. Nas festas, o boto se transformava em um belo rapaz, muito bonito e de olhos azuis e, que com sua beleza, conquistava as moças bonitas e levava para o fundo do rio, e quando elas voltavam, já estavam grávidas. O boto também encantava as crianças mais bonitas do interior, e as levava para a sua casa que era no fundo do rio. Quando as crianças acordavam, já estavam na casa do boto e depois passavam a viver também como boto.

(Coletada por: **Melissa Vitória Sotério Araújo**).



Fonte da gravura: <<http://static.blogstorage.com.br>>

06/11/2018

Escuela Estadual São José
 Data: 06 de Novembro de 2018
 Série: 7º ano Turma: C1 Livro: Língua Portuguesa
 Professora: Núbia Fonseca
 Nome: Amélia Oliveira dos Santos
Lenda da Amazônia

O boto

Um certo dia um senhor chamado Raimundo, estava partindo para lá para trabalhar em sua casa, o boto boiou, deu uma espiada nos fatos que o machado que ele estava segurando, caiu do seu mão, o boto do boto era tão grande, que ele ficou com medo. O homem pegou a sua arma para atirar no boto, mas sua mãe não deixou. Depois, o boto boiou outra vez e os animais que eles criavam, correram para o mato. Passaram alguns dias, seu Raimundo e sua família viajaram para Coari e, um certo homem que sabia mexer com feitiçaria, descobriu que o boto havia enfeitado Joana, uma mulher que era mãe de Raimundo. O homem começou a cuidar da mulher enfeitada e ela começou a melhorar, e ele disse que ela não deveria ir ao hospital, porém seus pais teimaram e a levaram, e não passou muitos dias e Joana morreu.

me des Lenda contada pelo meu avô Francisco de Assis

Lenda da Amazônia - O boto

Um certo dia, um senhor chamado Raimundo, enquanto estava partindo paxiúba (tábuas) para assoalhar a sua casa, o boto boiou e deu uma espiada tão forte que o machado que ele estava segurando caiu de sua mão, a costa do boto era tão grande que ele ficou com medo.

O homem pegou a sua arma para atirar no boto, mas sua mãe não deixou. Depois, o boto boiou outra vez e os animais que eles criavam, correram para o mato. Passaram alguns dias, seu Raimundo e sua família viajaram para Coari e, um certo homem que sabia mexer com feitiçaria, descobriu que o boto havia enfeitado Joana, uma mulher que era mãe de Raimundo. O homem começou a cuidar da mulher enfeitada e ela começou a melhorar, e ele disse que ela não deveria ir ao hospital, porém seus pais teimaram e a levaram, e não passou muitos dias e Joana morreu.

(Lenda coletada por **Amélia de Oliveira dos Santos**, contada pelo seu avô, **Francisco de Assis**).




A Lenda da Castanha

Consta-se que existia na tribo dos Tefés uma bela índia chamada Caboré, seu nome simbolizava sorte e fortuna. Ela era uma guerreira muito valente e todos a adoravam e respeitavam. Um dia, Caboré saiu para caçar na mata, mas demorou a retornar. Já estava anoitecendo e o povo da aldeia ficou preocupado. Todos da tribo ficaram desesperados e já previam o pior. Então, o guerreiro Apiá que era apaixonado por ela, saiu a sua procura e nada de encontrar. Cansado, sentou-se a beira de um igarapé e chorou suplicando a Tupã.

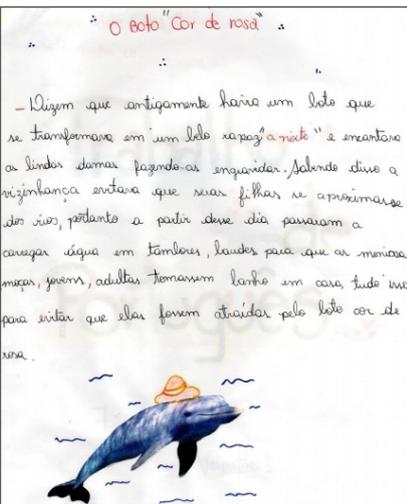
- Tupã, onde está Caboré? Onde posso encontrar?

Deus Tupã respondeu: - Guerreiro valente, conheço a tua dor, olhe para a água e verá a tua amada Caboré.

Ao olhar para as águas do igarapé, ele viu refletido o corpo de Caboré caído e sem vida. Apiá então chorou muito pela perda de sua amada. Caboré tinha sido morta pelos espíritos do mal quando invadiu a terra dos Juruparis. Mas Tupã ao ver a tamanha tristeza de Apiá e do povo de sua aldeia, transformou-a em uma árvore importante e forte, que traz vida e alimento com o seu delicioso fruto. Uma das mais belas árvores de toda a Amazônia: a imensa "Castanheira".

(Coletada por: Melissa Melo Cabral Alves).

Observação: essa lenda, já decorada pelos tefeenses, encontra-se disponível em: <<https://noamazonaseassim.com.br/a-lenda-da-castanha>>.



O Boto cor-de-rosa

Dizem que antigamente havia um boto que à noite, se transformava em um belo rapaz e encantava as lindas damas, engravidando-as. Sabendo disso, a vizinhança evitava que suas filhas se aproximassem dos rios. Portanto, a partir desse dia passaram a carregar água em tambores, baldes, para que as meninas, moças, jovens e mesmo adultas, tomassem banho em casa, tudo isso para evitar que elas fossem atraídas pelo boto cor-de-rosa.

(Coletada por: Fabrícia Vitória Cabral Barbosa).



Fotografia: arquivo do PIBID/Letras – Escola Estadual São José.

A Lenda do Mapinguari

Os caboclos contam que dentro da floresta vive o Mapinguari, um gigante com um olho na testa e a boca no umbigo. Para uns, ele é realmente coberto de pelos, porém usa uma armadura feita do casco da tartaruga; para outros, a sua pele é igual ao couro do jacaré. Há quem diga que seus pés tem formato de uma mão de pilão. O Mapinguari emite um grito semelhante ao dado pelos caçadores. Se alguém responder, ele logo vai ao encontro do desavisado, que por sua vez, acaba perdendo a vida. A criatura é feroz e não teme nem caçador, porque é capaz de dilatar o aço quando sopra no cano da espingarda.

Os ribeirinhos da Amazônia contam muitas histórias de grandes combates entre o Mapinguari e os valentes caçadores. O Mapinguari sempre leva vantagem e os caçadores que conseguem sobreviver, muitas vezes, ficam aleijados ou com terríveis marcas no corpo para o resto de suas vidas. Há quem diga que o Mapinguari só anda pelas florestas de dia, guardando a noite para dormir. Quando anda

pela mata vai gritando, quebrando galhos e derrubando árvores, onde vai, deixa um rastro de destruição. Outros contam que ele só aparece nos dias santos ou feriados, dizem que ele só foge, quando vê um bicho preguiça. O que ninguém explica é porque ele tem medo justamente do seu parente, já que é considerado um bicho preguiça pré-histórico. Seria um inimigo dos humanos e, segundo os índios, nenhuma pessoa que cruzasse o seu caminho, poderia sobreviver para contar a história.

(Coletada por: João Etto de Souza Gomes).



Além da construção de material pedagógico, As lendas coletadas pelos alunos foram dramatizadas coreograficamente através da dança Tribal: Lendas Amazônicas, pois para que eles pudessem compreender de fato a importância de valorizar sua cultura, era preciso que os mesmos vivenciassem, e isso só foi possível através das apresentações dramatizadas. A seguir é possível verificar os estudantes dramatizando a Lenda da Iara e do Guaraci, personagens lendários que compõem o imaginário popular dos familiares antigos dos estudantes.



Dramatização Lenda da Iara foto do arquivo pessoal da coordenadora do projeto.



Dramatização da Lenda do Guaraci fotos do arquivo pessoal da coordenadora do projeto.

Considerações finais

A partir das atividades desenvolvidas no projeto de ensino com os estudantes, constatamos melhorias significativas nas produções textuais como também na promoção do hábito da leitura. O resultado superou as expectativas, tendo em vista que as lendas coletadas foram reescritas, digitadas e transformadas em material pedagógico para a prática de leitura e escrita em sala de aula. Logo, o projeto desenvolvido contribuiu para legitimar a cultura da oralidade entre os alunos e seus familiares, ao considerarmos que a maioria dessas narrativas populares estava nas reminiscências de seus pais e avós e vieram à tona por intermédio deste trabalho, o qual foi desenvolvido pela equipe de bolsistas de Iniciação à Docência que atuam na Escola Estadual São José.

Notamos um grande entusiasmo nos estudantes, pois eles se tornaram os protagonistas das atividades propostas no projeto, os quais foram a campo entrevistar seus familiares e coletar as histórias que permeiam o imaginário popular. Podemos afirmar também que a internet faz parte da vivência dos alunos, visto que alguns trouxeram a versão encontrada em sites e compararam com a contada pelos familiares.

Consideramos também que as lendas, através da reescrita, possibilitaram também o emprego da linguagem na modalidade narrativa estudada. Contudo, observamos alguns desvios de ortografia e de gramaticalidade que vão se superando de acordo com competência leitora de cada estudante. Portanto, este trabalho permitiu o conhecimento das Lendas Amazônicas no âmbito escolar, e se constituiu como ferramenta metodológica de incentivo à leitura, à escrita e à valorização cultural, visto que fortaleceu aspectos orais e linguísticos da cultura amazônica na Escola Estadual São José.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação/MEC, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais - PCN/Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. [Trad. Carlos Alberto Medeiros]. São Paulo: Zahir, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANO FLORES, Milagros. **Investigación participativa: inicios y desarrollos**. Xalapa: Nueva, 2003.

FAZENDA, Ivani Arantes. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na formação de professores. **Revista do centro de educação e letras da UNIOESTE**, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 01, 2008.

FONSECA, Thaila Bastos da. **Lendas amazônicas e a formação da identidade cultural: ressignificando a Cultura**. In: Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas. UEA Edições, Manaus, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

MACHADO, Irene. A. **Literatura e redação: os gêneros literários e a tradição oral**. São Paulo: Scipione, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MORIZ, Núbia Litaiff. **Literatura Amazonense: reflexões no processo de ensino e aprendizagem do ensino médio das escolas estaduais de Tefé/AM**. 2012. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação (*Masterado en Ciencias de la Educación*). Universidad San Carlos. Asunción/PY. Disponível no acervo bibliotecário do CEST/UEA. Tefé/AM, 2012.

NUNES, Rosalina Simão. **Textos da Tradição oral**. 2008. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eportuguesrsn/Home/recursosapoio/apoiorecursos/textosdatradicaoral>>. Acesso em 12 de julho de 2018.

SOUZA, Anervina. **As Lendas Amazônicas em Sala de Aula** – Apropriação da cultura e formação sociocultural das crianças na interpretação do ser sobrenatural. 2. ed. Manaus: Valer, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. [1978].

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas das narrativas**. [Trad. de Leyla Perrone-Moisés]. São Paulo: Perspectiva, 2006.